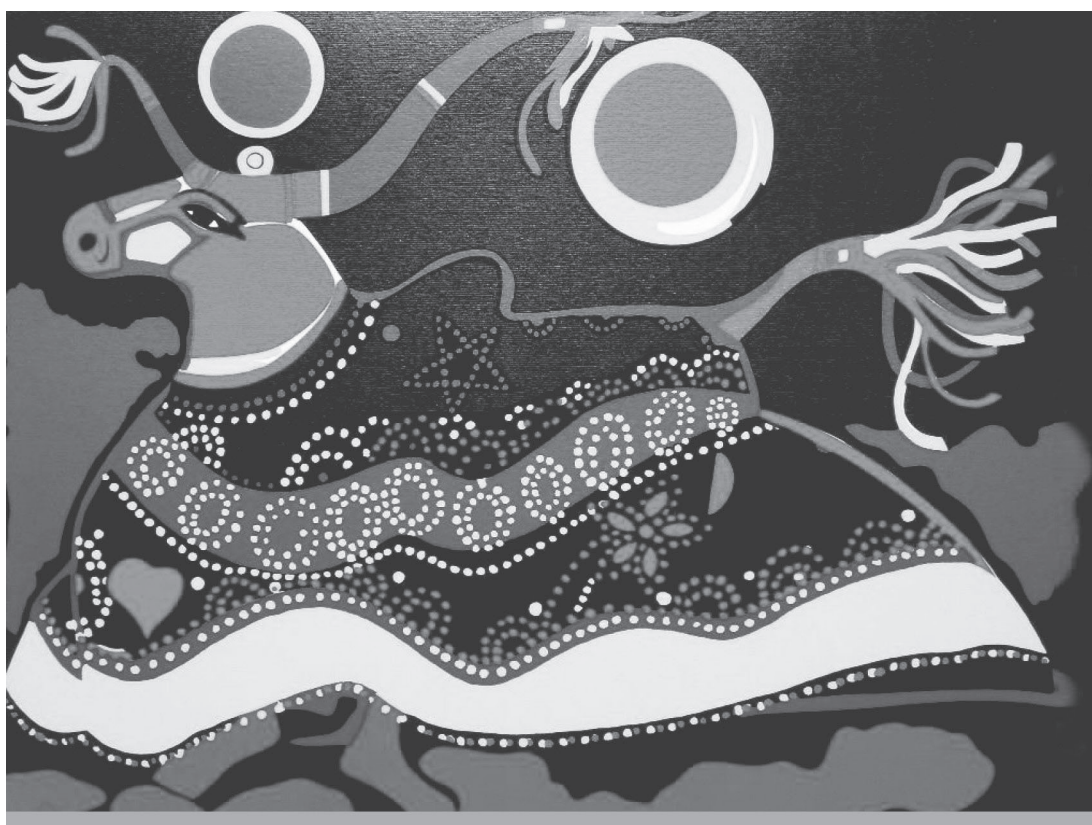


# AUTO DO BOI MENINO

a peleja do Boi João contra o Demo do Roçado

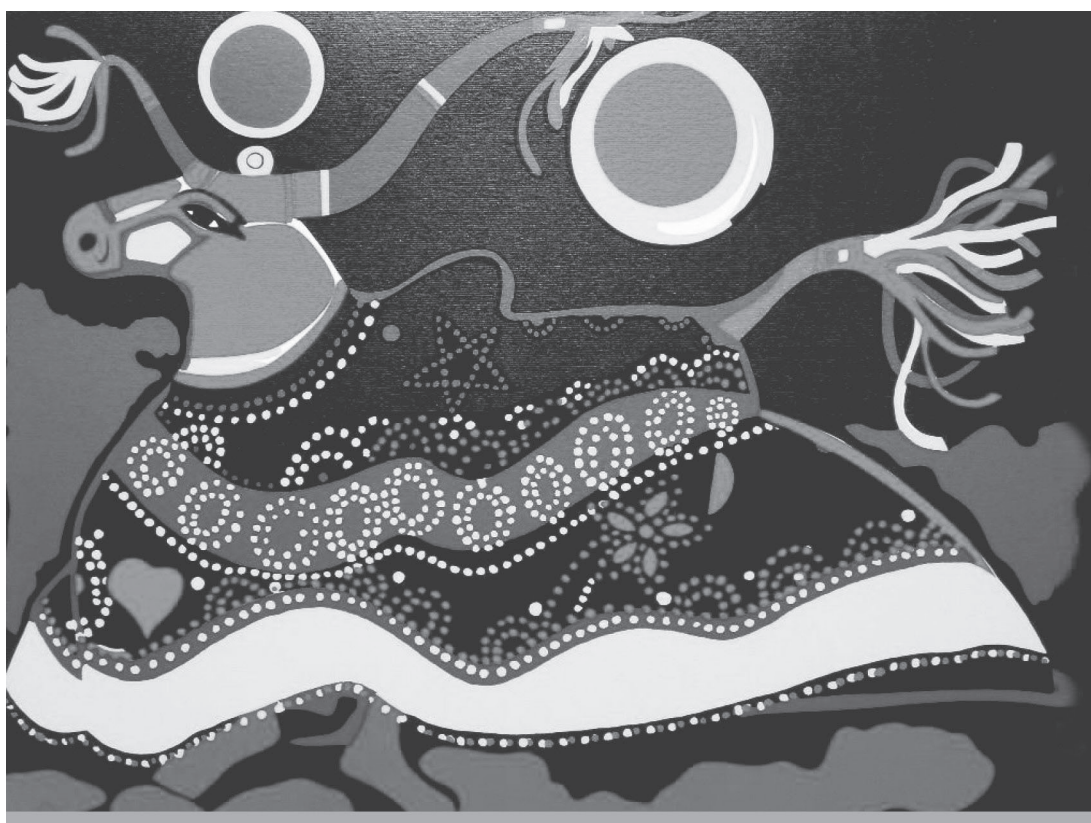




*Mirian de Carvalho*

# AUTO DO BOI MENINO

a peleja do Boi João contra o Demo do Roçado



**SYNERGIA**  
EDITORA

Copyright © 2020 Mirian de Carvalho

Todos os direitos desta edição reservados à Synergia Editora

Editor Jorge Gama

Editora assistente Isabelle Assumpção

Capa Equipe Synergia, com imagem de Almedir Martins, "Bumba-meu-Boi",  
Acrílica sobre tela, 1990.

Edição e Revisão de Texto Equipe Synergia

Diagramação Flávio Meneghesso

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**  
Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

---

C325a Carvalho, Mirian de

Auto do boi menino : a peleja do Boi João contra o Demo do  
Roçado / Mirian de Carvalho. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Synergia, 2020.  
76 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-65-86214-00-0

1. Teatro brasileiro (Literatura). I. Título.

20-63210

CDD 869.2  
CDU 82-2(81)

---



Livros técnicos, científicos e profissionais

Tel.: (21) 3259-9374

[www.synergiaeditora.com.br](http://www.synergiaeditora.com.br) – [comercial@synergiaeditora.com.br](mailto:comercial@synergiaeditora.com.br)

Para Rubens Jardim,  
Amigo querido que decidiu jamais ficar  
em cima do muro.

Isso é lindo, Rubens, na poesia e na vida,  
sua atividade constante nessa peleja em  
defesa do Boi João.



## Sumário

“Chifra, meu boi”.....	9
Eu e Alice no País das Maravilhas.....	11
Primeiro ato.....	17
Segundo ato.....	47





## “Chifra, meu boi!”

Quando Mirian de Carvalho convidou-me para fazer a apresentação de seu livro, perguntei-me: o que a poeta está querendo fazer com uma festa que, apesar de ser uma das manifestações mais tipicamente brasileiras, perdeu seu sentido original quando ganhou a grande mídia?

Como sabemos, a história deste folguedo foi registrada pela primeira vez pelo padre Miguel Lopes Gama, num jornal recifeense chamado *O Carapuceiro*. Nesta primeira referência histórica, ele é apresentado como “divertimento de gente de pé rapado”. O padre não foge ao consenso da época que considerava a cultura popular como algo sem valor. Bumba Meu Boi, festa criada no seio da escravidão, sofreu perseguições policiais e da elite nordestina, chegando a ser proibida entre 1861 e 1868. É, contudo, a partir do movimento modernista, quando a cultura popular passa a ser encarada como fonte de nossa identidade, que ela é reverenciada. E, graças a Mário de Andrade, que a considerou a melhor representante da cultura brasileira, ela se tornou alvo de inúmeras pesquisas acadêmicas, ganhou notoriedade, efetuando-se como um dos eventos mais importantes veiculados pela grande mídia.

No grande liquidificador que é o sistema capitalista – a tudo tritura e ressignifica – a tendência é essa mesmo: o sentido original da festa, que denuncia de forma graciosa a luta do Bem contra o Mal, perde-se. Duvido que os turistas que viajam milhares de quilômetros para presenciá-la, ou mesmo os telespectadores no conforto de suas casas, alcancem essa compreensão crítica.

É aí que o texto de Mirian de Carvalho se impõe.

Sem perder de vista o núcleo central da história – o desejo da escrava gestante em comer a língua do boi preferido do seu senhor – a autora a atualiza. Introduz novos personagens, dá uma nova roupagem à tradição e, dessa forma, permite ao leitor de hoje não só resgatar seu sentido original como também perceber que as mazelas enfrentadas pelos escravos, índios e vaqueiros subjugados pela elite dominante continuam sendo as mazelas do Brasil contemporâneo.

E Mirian não se contenta em atualizar o núcleo dessa história. Vai além. Cria uma peça com base numa poesia épica. E o resultado é maravilhoso. Enfatizando a redondilha maior para a consecução de seus versos poéticos, seu texto ganha sonoridade e se transforma em música aos meus ouvidos. Não os leia apenas mentalmente, leia-os em voz alta. Garanto, sua fruição estética ultrapassará os limites de um roteiro teatral e o fará mergulhar no que há de melhor de nossa cultura e poesia.

Leia e comprove.

**Cesar Augusto de Carvalho**

*Poeta, Doutor em Ciências Sociais*

## Eu e Alice no País das Maravilhas

Livraria na esquina da minha rua. No centro da vitrine, Alice – a menina do País das Maravilhas – se preparava para aventuras de encantamento. Atravessei o vidro e, junto com Alice, deslizei pela cratera mágica em direção às surpresas. Sonho? Imaginação? Delírio? Bem-vindo delírio! Alice encontrou seu coelho, suas louças, sua mesa, seu baralho de cartas. Enquanto ela tomava chá com a Rainha de Copas, enveredei por uma alameda de livros. Bem-vindo delírio! No meio, um teatro de arena. E o Auto do Boimenino, escrito em 2002, numa livre interpretação do Bumba meu boi.

No enredo do Bumba originário da cultura canavieira no Nordeste, Pai Francisco e Catirina realizavam trabalho escravo numa fazenda. Grávida, Catirina revela desejo de comer língua de boi. E, segundo a crença popular, se não fosse satisfeito tal desejo, a criança nasceria com a cara do traseiro do boi. Sem posses para o farnel, o marido furta um boi do fazendeiro.

Tendo lido em 2002 esse auto, percebi mudanças. Por inspiração do nosso Manuel Cavalcanti Proença, agora o subtítulo: *a peleja do Boi João contra o Demo do Roçado*. Ah! Novos personagens também. Um deles, o Demo Armado, se faz acompanhar sempre do Soldado Amarelo. Aquele do Graciliano? O próprio. Nascido em Vidas Secas, imaginem só, ele chegou à trama desse auto e foi logo nomeado Guarda da Esquina. Mas no cerne do espetáculo permanece o conhecido mentor do Demo Armado, o Doutor Faustolim, aquele que vendeu a alma ao Velho Demo e tem agora séquito bem maior que na primeira versão desse auto. Em contraponto, entrou nosso querido Boi Exu.

Por odiar as coisas do povo, Doutor Faustolim, vejam só, queria matar o boi e, de quebra, matar o peão, pra dar exemplo

de mando e poder, fuzilando a boiada inteira. Então, prestimosas, as Vacas Contentes, sobrinhas do Demo Mercantil, advertiram, em coro:

Ficaremos em maus lençóis,  
Se matarmos boi e boiada:  
Quem vai trabalhar para nós?  
Quem vai trabalhar para nós?

Ante esse alerta, Faustolim só matou o boi do Bumba. Ficou impune. “Vem de lá seu delegado e Pai Francisco foi pra prisão”. Dois pesos, duas medidas. Por isso o diretor introduziu cena em que o peão é indiciado como autor do furto de um boi do patrão. E daí o destaque no grande amigo do Velho Demo, o Asno Parvão: atual juiz do Roçado. No Bumba originário, lá no tempo da escravidão, Pai Francisco é condenado por um dos ancestrais desse Asno. E, agora, Asno Parvão repete o veredito e acrescenta:

– Denúncia dedurada,  
ou até por convicção  
de outro Demo do Roçado,  
sentença será lavrada:  
o vaqueiro quem furtou  
cem bois do nosso patrão.  
Pior que Judas, só eu;  
de traição tudo sei:  
“houveram” muitos peões  
nas minhas condenações.

Furtou? Não furtou? Sabedoria do povo e voz de Deus: “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”; máxima que desconstruí ao longo do texto: *peão que rouba ladrão tem mil anos de perdão*. Numa época pródiga em personagens, percebi não ter sido possível ao diretor incluir todos os que andam por aí à solta. Do que vi no palco, não dá pra contar tudo. Outra linguagem. Outras armas. E matanças. Entanto, o boi foi ressuscitado pelo Pajé. Só

que houve uma licença poética na trama do folguedo: em auxílio ao Boi João, baixou na manga o Boi Exu, que saiu quebrando a cerca. E então:

– Fez caminho pra boiada  
com alegre mutirão.

Nesse trecho, voz áspera ao meu lado: “o autor e o diretor só podem ser comunistas!”.

Esse auto foi agraciado pela União Brasileira de Escritores, UBE/RJ, com o Prêmio Martins Pena de Dramaturgia, na década de 2010. *Marcela Giannini*, atriz e escritora, estava no júri. Sei que ela vai aprovar as mudanças feitas no original.

Já falei demais. O resto fica pra depois.

E Alice? Ó Alice! Cadê Alice?

Acho que ela ainda está tomando chá com a Rainha de Copas, no País das Maravilhas.